



Consciência, razão e fé

Neste artigo, são apresentados três elementos fundamentais da existência humana. A consciência é a capacidade humana de distinguir entre o bem e o mal. A razão serve para compreender o mundo, a Escritura Sagrada e o Evangelho. A fé significa a orientação da vida para Deus, a confiança na Sua atuação salvífica.

— A consciência

A natureza do Homem possui a capacidade para diferenciar o bem do mal. Esta capacidade, que existe no ser humano e que exerce uma influência determinante no seu raciocínio e nas suas ações, chama-se consciência. O Homem não segue necessariamente a voz interior que Lhe indica o bem e o mal, mas antes tenta ignorá-la ou até mesmo silenciá-la.

O termo consciência aparece poucas vezes na Escritura Sagrada. No entanto, é uma questão recorrente. A consciência, enquanto dom que o Homem recebeu da mão de Deus, é descrita na Escritura Sagrada com termos diferentes¹.

No Antigo Testamento, a consciência é muitas vezes representada pela imagem do coração, onde a voz de Deus se torna audível e onde se revelam as normas corretas de agir e de pensar. Por exemplo, em Deuterónimo 30,14: «Porque esta palavra está mui perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a fazeres.»

Por sua vez, no Novo Testamento, Paulo mostra que a vontade de Deus não foi colocada apenas no coração dos homens que estavam sob a lei mosaica, mas também no coração dos gentios: «Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, [...] os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testemunhando juntamente a sua consciência» (cf. Rm 2, parte dos vers. 14.15). Assim sendo, todas as pessoas têm no seu interior a consciência daquilo que Deus quer e do que Lhe agrada – a todos foi dada essa consciência.

¹ O termo "consciência" é usado em muitos outros contextos, por exemplo, sociológico, filosófico, psicológico, que agora não serão abordados aqui.

Através a queda, o Homem pecaminoso perdeu a segurança e o amparo que a obediência a Deus lhe concedia. Aqui, só a instância da consciência pode ajudar a tomar decisões em conformidade com a vontade de Deus. E é bem possível que também sejam tomadas decisões erradas, especialmente quando a consciência não é guiada pela razão e pela fé. Para além disso, a voz interior do Homem pode ser ignorada quando ela se torna um obstáculo para alcançar os seus objetivos e realizar os seus projetos.

Através da consciência, o Homem que se questiona em relação ao pecado, tem a possibilidade de se aperceber da vontade de Deus. Assim sendo, a instância da consciência permite dirigir a vontade do indivíduo para o lado do bem. Por isso, o Homem deverá esforçar-se sempre por formar e apurar cada vez mais a sua consciência através da lei divina, que está inscrita no coração de todos os homens e da qual fala a Epístola aos Romanos 2,14 e ss.

Na consciência é que se define o que é o Bem e o que é Mal. Se a consciência for controlada pela razão e pela fé, ela ajudará o Homem a agir com sabedoria. Também lhe confere a capacidade de reconhecer, perante Deus e perante o seu próximo, se se tornou culpado, e identifica as situações em que a vontade de Deus foi infringida e as Suas ordens desrespeitadas em pensamentos e atos.

Antes de mais, o Homem deve conhecer-se e reconhecer-se a si próprio e prestar contas à sua própria consciência. Se ela testificar ao Homem que ele pecou, e que acarretou culpa sobre si próprio, e se o pecador se deixar guiar pelo sentimento da penitência e do arrependimento, então Deus oferece-lhe a graça do perdão através do mérito de Cristo. Este é o caminho definido por Deus para a justificação do Homem que caiu em pecado.

Para o Homem, o Santo Batismo com Água torna-se experienciável como dedicação curativa de Deus: «Isto era uma figura do baptismo, que agora vos salva, [...] mas pelo compromisso com Deus de uma consciência honrada, em virtude da ressurreição de Jesus Cristo» (1Pe 3,21***). A palavra de Deus motiva o Homem a continuar pelo caminho rumo à salvação, pelo qual enveredou. Assim se realiza um aguçamento continuado da consciência que ajuda a reconhecer a vontade de Deus com uma clarividência cada vez maior. A "boa consciência" não está unicamente fundamentada no ser humano, mas sim, na dedicação curativa de Deus e na capacidade de obediência do Homem.

O experienciar da graça preenche o coração com a paz de Deus; a consciência, que condena o Homem em função dos seus pecados, sossega. A 1.ª Epístola de João (3,19.20) exprime-o com as seguintes palavras: «E nisto conhecemos que somos da verdade, e diante dele asseguraremos os nossos corações. Sabendo que, se o nosso coração nos condena, maior é Deus do que os nossos corações, e conhece todas as coisas».

A razão

Tal como a consciência, também a razão é uma dádiva de Deus que distingue o Homem de todas as outras criaturas, por ter sido feito à imagem e semelhança de Deus. Isto é-lhe útil, especialmente no que se refere à organização da sua vida e à percepção do seu ambiente. Consciência e razão, tal como já foi mencionado, estão estreitamente relacionadas. A consciência só pode realmente dar orientação e fomentar o poder de crítica se for acompanhada pela razão.

A razão evidencia-se pelo facto de o Homem pensar e agir, usando a sua inteligência e os seus conhecimentos. Ao fazê-lo, ele tem uma responsabilidade perante Deus e perante si mesmo. O Homem é capaz de reconhecer situações e identificar correlações. Ele reconhece-se a si próprio como indivíduo e vê-se a si próprio dentro de uma relação com o mundo. No fundo, a razão é uma dádiva de Deus ao Homem, que o pode instruir no sentido de se comportar corretamente: «Eles [os homens] receberam o uso dos cinco poderes do Senhor; como sexto foi-lhes dada a participação da inteligência, e como sétimo, a razão, intérprete dos seus poderes» (Sir 17,5***).

Logo no princípio, o Homem recebeu de Deus a ordem para "dominar a terra" (cf. Gn 1,28). Com o seu espírito de descoberta, o Homem quer usar e aceder a tudo o que existe na criação. Quando isso acontece, respeitando a responsabilidade perante Deus e a criação, o Homem age com razão e sensatez, de acordo com o dom que recebeu de Deus.

Em termos bíblicos, a razão também é designada por "sabedoria". Sendo interpretada no sentido de uma capacidade de reconhecer, a sabedoria é correlacionada com a atuação de Deus. «Foi Ele [Deus] quem me deu a verdadeira ciência das coisas para conhecer a estrutura do universo e a propriedade dos elementos» (Sb 7,17***). Em vez do termo "razão", o apóstolo Paulo também usa a expressão "sabedoria humana". É ela que transmite ao Homem a capacidade de alcançar conhecimentos, através dos quais ele tenta desvendar os segredos divinos (cf. 1Cor 1,21). Se o Homem se colocasse acima da ordem divina e, como tal, acima de Deus, ele estaria a desrespeitar a sabedoria divina como se fosse uma loucura, visto que isso significaria que a razão se sobreporia à fé e a rejeitaria (cf. 1Cor 2,1-16).

Desde o iluminismo que esta tendência está bem presente em todas as áreas, especialmente no mundo industrializado. Surge também onde o espírito de descoberta do Homem não se subjeta à responsabilidade perante Deus e a criação.

Deste ponto de vista, a razão humana será sempre imperfeita, devido ao pecado. É por isso que, do ponto de vista da fé, uma mentalidade que define a razão como a medida perfeita é desmascarada como sendo uma loucura: «Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios, e aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?» (1Cor 1,19–20).

Na sua efemeridade, a razão humana não consegue abranger Deus na Sua infinitude. Os Seus atos ultrapassam toda a razão humana. Por isso, o Homem deve estar sempre bem consciente de que, com a razão, nunca conseguirá abranger, na sua totalidade, o que é divino (cf. Rm 11,33).

Embora a razão não possa ser a medida perfeita de todas as coisas, é necessária, por exemplo, para reconhecer correlações espirituais e materiais. Sem razão, as palavras e imagens da Escritura Sagrada não poderiam ser aceites nem compreendidas. Também é precisa para confessar a doutrina de Jesus diante dos homens. A razão é um dom divino, mas não é o mais precioso de todos os dons (cf. Fl 4,7). Por isso mesmo, ela não pode ser o único padrão da vida humana.

Sempre que a razão tende a erguer-se contra o que é divino significa que há uma falta de responsabilidade para com Deus. Através da fé, o Homem sente a responsabilidade de combater tais tendências de altivez: «Destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo» (2Cor 10,5).

— A fé

Ao falar-se da consciência e da razão, tem, também, de se falar da fé. Fé é a maior e mais decisiva relação do Homem com Deus. A fé não é um aditamento à vida com Deus e de Deus, mas antes, a categoria determinante para que essa vida se torne possível.

Nos textos hebraicos do Antigo Testamento não se encontra a palavra "fé". Nos pontos em que hoje se encontra esta palavra em traduções modernas, estavam originalmente termos como "confiança", "fidelidade", "obediência", "fundamento" ou "certeza". Todos estes significados estão englobados no termo "fé". Em Hebreus 11,1 são destacados dois aspetos importantes da fé: «Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem.» Fundamento significa confiar e orientar a vida segundo a vontade salvífica de Deus. Não duvidar significa aceitar o além, muito embora invisível, como uma realidade tal como o mundo visível.

O princípio da fé está sempre em Deus, que se manifesta por palavras e atos. Enquanto o Homem confiar plenamente em Deus, ele consegue obedecer a Deus. A desobediência faz o Homem pecar e tornar-se culpado perante Deus. Desde então, o Homem tem uma relação conturbada com o seu Criador. Se quiser voltar a ter comunhão com Deus, terá de ter fé: «Ora, sem fé, é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam» (Heb 11,6).

Para os patriarcas da fé, na época da Antiga Aliança, a salvação ainda era algo do futuro (cf. Heb 11,39). Quando Deus se torna Homem em Jesus Cristo, cumprem-se as promessas veterotestamentárias. Assim sendo, a fé adquire uma nova dimensão: agora está direcionada para o Redentor, para Jesus Cristo. Através da fé n'Ele torna-se possível a reconciliação com Deus e entrar na comunhão com Ele.

Esta fé é exigida pelo Filho de Deus: «Credes em Deus, crede, também, em mim.» (Jo 14,1). Ele deixa bem claro qual é a consequência da falta de fé: «[...] porque, se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados» (Jo 8,24). Àqueles que creem em Jesus Cristo como Filho de Deus e que O aceitam, estão prometidas coisas grandiosas: não perecerão, mas terão a vida eterna (cf. Jo 3,16).

A verdadeira fé cristã está sempre fundamentada na graça de Deus, que elege e se manifesta. A profissão de fé do apóstolo Pedro mostra isso: «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo» e também a resposta que Jesus dá é elucidativa: «Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas; porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai que está nos céus» (Mt 16,16.17). A fé é uma dádiva de Deus que atua pelo Espírito Santo e é, ao mesmo tempo, uma tarefa para o Homem. Se o Homem aceitar a palavra de Deus, ele confia nela e age de forma correspondente, e a fé será viva e conduzi-lo-á à salvação.